

## PRODUÇÃO INTERLINGUÍSTICA DE ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA DO SOM APROXIMANTE /β/<sup>1</sup>

Egisvanda Isys de Almeida SANDES  
(FFLCH/Universidade de São Paulo)

[wandasandes@gmail.com](mailto:wandasandes@gmail.com)

*RESUMO: Considerando-se as estratégias cognitivas do estudante durante o período interlíngua (IL) e os principais conceitos e modelos que abordam a aquisição e a aprendizagem dos sons em língua estrangeira (LE) – os conceitos de "surdez fonológica", de Polivanov, de 1931, e de "crivo fonológico", de Trubetskoy, de 1939, o Modelo de Aprendizagem da Fala de Flege, de 1981 e o Modelo do Imã da Língua Materna Kuhl & Iverson, de 1995 –, apresenta-se uma breve análise da produção interlinguística de estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira (E/LE), especificamente do som aproximante /β/.*

*PALAVRAS-CHAVE: sons aproximantes; produção e percepção de sons; interlíngua; estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira; aquisição/aprendizagem de sons.*

*ABSTRACT: Considering the student's cognitive strategies during the interlanguage (IL) period and the main concepts and models approaching the acquisition and learning of sounds in foreign language (FL) – the concepts of "phonological deafness", by Polivanov, 1931 and "phonological sieve", by Trubetskoy, 1939, the Speech Learning Model, by Flege, 1981, and the Native Language Magnet Model, by Kuhl & Iverson, 1995 –, it is presented a brief analysis on the interlinguistic production of Brazilian learners of Spanish as a foreign language (S/FL), specifically the approximant sound [β].*

*KEYWORDS: approximant sounds; production and perception of sounds; interlanguage; Brazilian learners of Spanish as a foreign language; acquisition/learning of sounds.*

---

<sup>1</sup> Este estudo surgiu a partir da tese de Doutorado que apresentamos, em agosto de 2010, ao programa de Pós-Graduação em Letras/Língua Espanhola e suas Literaturas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, sobre a análise das dificuldades dos estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira (E/LE) na percepção e na produção dos sons aproximantes e nasais em língua espanhola.

## Introdução

É fato conhecido que a percepção resulta de um processo cognitivo que se compõe de vários fatores e, por tal motivo, é comum acrescentar informação já conhecida ao que se escuta; assim, a transferência na aquisição de uma língua estrangeira (LE) pode se explicar pela combinação de informações procedentes de diferentes fontes durante o processamento da informação nova. Posto que o princípio cognitivo básico do ser humano é o de relevância (ESCANDELL, 1993; SPERBER & WILSON, 1986), costuma-se produzir maximização da relevância de determinadas informações em função de seu grau de habitualidade.

No caso dos sons de uma LE, os sons que são idênticos ou semelhantes aos da língua materna (LM) não se percebem em sua totalidade, porque é produzida uma confluência de informações entre eles; pelo contrário, poder-se-ia dizer que os sons diferentes "impactam" o ouvinte e, em consequência, são percebidos com mais facilidade<sup>2</sup>.

O comportamento de quem aprende uma língua estrangeira se rege por uma série de estratégias, próprias do processo de aquisição e aprendizagem da LE. Embora uma das mais importantes seja a *transferência* ou *interferência da LM*, faz-se necessário descrever brevemente como se explica o processo em si e quais são suas principais características.

### 1. Interlíngua, conceitos e modelos de análise da aquisição/aprendizagem de sons em LE

Ao se tratar do processo de aquisição/aprendizagem de uma LE, é necessário falar sobre Interlíngua (IL)<sup>3</sup>. Entende-se por IL um sistema com características que não se identificam nem com a língua materna nem com a estrangeira, no qual funcionam basicamente as estratégias comunicativas criadas pelos estudantes e que evolui de modo natural, segundo seu nível de aprendizagem ou aquisição da nova língua. Durante esse período, o estudante pode, inclusive, construir estruturas ou produzir sons que não se explicam por influência da LM e sequer aparecem na LE.

---

<sup>2</sup> Não se deve esquecer a variedade de condicionantes pessoais que determinam a aquisição dos sons em uma LE, assim como os fatores "socioafetivos ou psicossociais" (GIL FERNÁNDEZ, 2007: 104), que contribuem, de forma positiva ou negativa, ao desenvolvimento da competência comunicativa (SCHUMANN, 1975; ZUENGLER, 1988).

<sup>3</sup> Quando os estudiosos começaram a pesquisar sobre a "língua" do falante não nativo ao produzir a LE, denominaram-na um "sistema aproximado" (NEMSER, 1974) e um "dialeto idiossincrásico" (CORDER, 1974).

Ao considerar pela primeira vez, em 1972, a interlíngua como língua e como um sistema linguístico resultante da tentativa do aprendiz de produzir enunciados em língua estrangeira, Selinker (1992) fez com que os estudiosos da aquisição ou da aprendizagem de língua estrangeira prestassem mais atenção ao tema e chegassem a mudar sua visão sobre o papel dos erros na aprendizagem. O autor defende que podemos analisar muitos aspectos linguísticos presentes na interlíngua, sempre considerando a produção do adulto quando tenta produzir a língua estrangeira. Para essa análise recorre-se a cinco processos centrais que caracterizam a interlíngua: a *transferência linguística da língua materna*, as *estratégias de comunicação*, as *estratégias de aprendizagem*, a *hipergeneralização das regras da LE* e a *transferência de instrução*.

Moita Lopes (1996) acrescenta duas características que considera importantes na interlíngua: a *permeabilidade*, que permite a penetração de regras, sejam da língua materna, sejam resultantes da hipergeneralização das regras da língua estrangeira, e a *reincidência de erros*, algumas vezes já fossilizados.

Para Liceras (1996), a *permeabilidade* caracteriza todos os sistemas linguísticos, além de cumprir também um importante papel na mudança linguística<sup>4</sup>. Na interlíngua, em muitas ocasiões, também vem determinada por fatores sociais, pelos mecanismos de produção na LE e por elementos pragmáticos. A autora (LICERAS, 1996: 52) menciona que "*la permeabilidad se considera una propiedad de la gramática que da cuenta de la variabilidad de las intuiciones de los hablantes*". A escolha do uso de determinada forma às vezes depende de regras gramaticais e de decisões tomadas pelos falantes, segundo o contexto ou o conhecimento compartilhado com os interlocutores. Se depois de um tempo essa escolha se converte em uso recorrente, caracterizar-se-á como uma mudança linguística – o que é muito comum na interlíngua e explica sua variabilidade –, embora também possa resultar na fossilização de um erro. Assim, se por um lado Selinker (1992) define a interlíngua como um sistema linguístico que resulta da tentativa de produzir a LE por parte do aprendiz, segundo outros pesquisadores a interlíngua é o conjunto de "formas criativas (apresentadas pelos aprendizes de LE) não sancionadas pela evidência", isto é, "de forma

---

<sup>4</sup> Mudança linguística, nesse sentido, refere-se a "erros" de falantes cultos de uma determinada língua, que podem dever-se a vários fatores como, por exemplo, a variação dialetal, os empréstimos linguísticos etc., que seriam em um primeiro instante rejeitados pela gramática normativa, mas que, pela sua recorrência, podem caracterizar-se como elementos que modificam ou transformam diacronicamente as línguas. Como defende a autora, ao considerar-se a interlíngua também uma língua, é natural que, da mesma forma, sofra o processo de "mudança linguística".

que não pertencem ao conjunto daquelas consagradas ou admitidas pelas normas de uso de uma determinada língua natural” (GONZÁLEZ, 1994: 19).

Dessa forma, a IL pode se caracterizar por uma série de processos – ou estratégias – que são mais ou menos recorrentes segundo o estágio de conhecimento no qual o estudante se encontra durante a aprendizagem da LE. Um dos mais importantes, como já assinalado, é a *transferência* da LM; entretanto, não é a única estratégia intrínseca ao processo.

Além de entender os principais fatores cognitivos envolvidos que concernem à IL do estudante durante o processo de aquisição e aprendizagem da LE, também deve-se conhecer alguns conceitos e alguns modelos que se ocupam em explicar a aquisição dos sons de uma LE. Ambos os conhecimentos constituem a base para analisar as dificuldades dos estudantes brasileiros de espanhol como LE, como a que apresentamos neste artigo.

Das discussões de base estruturalista, dois momentos são pertinentes à nossa análise: quando Polivanov (1978), em 1931, trabalha com o conceito de “surdez fonológica”, a partir das divergências entre a percepção de uma sequência de sons em LE e a representação fonológica dessa mesma sequência no sistema da língua materna do estudante e quando Trubetzkoy (1973), em 1939, expõe o conceito de “crivo fonológico”, a partir do ato da fala e da percepção dos sons de uma LE. Ambos os autores introduzem a noção de interferência, que afeta não só a percepção, mas, também, a produção, já que o falante, ao interpretar os sons da LE, se baseia em categorias fonológicas que existem em sua própria língua, seguindo uma estratégia que responde a fatores cognitivos.

Na “surdez fonológica”, segundo Polivanov (1978: 113):

Quando ouvimos uma palavra estrangeira desconhecida (ou, de uma maneira geral, um fragmento de língua estrangeira que, devido a seu volume, pode ser captado pela percepção auditiva), tratamos de reencontrar nela um complexo de representações fonológicas nossas, de decompô-la em fonemas peculiares à nossa língua materna e em conformidade até com nossas leis de agrupamento dos fonemas.

Se considerada essa maneira de analisar os sons percebidos, observa-se que ao escutar na LE um som distinto dos de sua LM, o estudante estrangeiro o interpreta segundo o inventário de sons de sua própria

língua. Polivanov (1978) afirma que, no caso, impõe-se a “consciência linguística” da sociedade à qual pertence o ouvinte. Costuma ocorrer durante a “apreciação de duas consciências linguísticas diferentes”, entre que as há uma “divergência quantitativa” entre os fonemas, como é o caso das duas línguas que se contrastam neste trabalho – a portuguesa e a espanhola.

O modelo de interferência fonética de Polivanov se complementa com o conceito de “crivo fonológico” proposto por Trubetzkoy (1973), outro dos grandes precursores da fonologia estrutural. Com essa metáfora, o autor explica como o sistema fonológico da língua materna atua como “crivo fonológico”, uma espécie de “filtro fonológico” ou de “filtro perceptivo”, pelo qual passam as informações percebidas da LE. Dessa forma, o estudante interpreta os sons de maneira inexata, muitas vezes, segundo o sistema fonológico de sua língua materna, o que provoca erro de percepção e, por conseguinte, de produção. Como afirma o próprio autor:

*El sistema fonológico de una lengua extranjera es comparable a una criba a través de la cual pasa todo lo que se dice [...]. Las personas se apropian del sistema de su lengua materna y cuando oyen hablar otra lengua emplean involuntariamente para el análisis de lo que oyen la “criba” fonológica que les es habitual, es decir, la de su lengua materna. Pero como esta “criba” no se adapta a la lengua extranjera, surgen numerosos errores e incomprendiones (TRUBETZKOY, 1973: 46).*

Trubetzkoy (1973: 46) explica, além disso, que: “Los sonidos de la lengua extranjera reciben una interpretación fonológica inexacta debido a que se los ha hecho pasar por la ‘criba’ de la propia lengua”. O autor defende que os estudantes realizam uma “falsa apreciação” dos fonemas da LE, dado que “en la criba quedan únicamente las marcas fónicas que son pertinentes para la individualidad de los fonemas” (TRUBETZKOY, 1973, p. 46).

Já de base “pós-gerativista” (SANDES, 2010), destacamos dos modelos de análise de aquisição e aprendizagem de sons da LE: o *Modelo de Aprendizagem da Fala* (SLM, *Speech Learning Model*), de Flege (1981) e o *Modelo do Ímã da Língua Materna* (NLM, *Native Language Magnet*), de Kuhl & Iverson (1995).

Segundo Flege (1981; 1991; 1995), os sistemas de produção e percepção de sons vão se adaptando durante a vida do falante ou do estudante, mas a sensibilidade – sobretudo para identificar os sons – vai diminuindo graças a um “ajuste seletivo”. Assim sendo, os sons que o

estudante percebe na LE se ajustam a uma classificação como "idênticos", "semelhantes" ou "novos" em relação aos sons de sua LM.

Flege (1981) propõe as três categorias de sons mencionados e as define levando em conta o grau de similitude fonética – das diferenças articulatórias e acústicas – entre a LM do estudante e a LE que aprende; ao mesmo tempo, propõe a hipótese sobre as possibilidades de produção nativa ou não nativa na LE:

- a) os sons que são idênticos em ambas as línguas, ou seja, que não apresentam diferenças acústicas entre a LM e o produzido pelo estudante, e que este pode chegar a produzir como um falante nativo da LE;
- b) os sons que são diferentes, portanto novos, que apresentam diferenças acústicas facilmente recebidas pelo estudante, e que este pode aprender e produzir de um modo similar ao de um nativo da LE;
- c) os sons que são semelhantes, que apresentam diferenças acústicas que nem sempre são recebidas pelo estudante e que, portanto, lhe causam maiores dificuldades.

O Modelo do Ímã da Língua Materna se desenvolveu inicialmente para explicar a aquisição de sons da LM. Os autores Kuhl & Iverson (1995), expõem a teoria de que no cérebro das crianças existe uma série de informações fonológicas recebidas durante a aquisição de sua primeira língua, que lhes permite desenvolver a percepção dos sons. Informações fonológicas que são sons "protótipos", isto é, os melhores exemplares de cada categoria. Assim, quando as crianças adquirem a LM, criam um espaço perceptivo dos sons, segundo os protótipos estabelecidos na LM. Segundo esse modelo, dentro de um espaço perceptivo existem várias categorias de sons centradas ao redor de um protótipo; se enfatizadas as diferenças entre os sons, aumenta-se o espaço entre os protótipos e pode-se chegar a criar um novo. Nesse sentido, desenvolver a percepção do estudante é fundamental para apreciar as diferenças entre os sons da LE e a LM.

As dificuldades na percepção dos sons consonânticos da LE ocorrem devido à surdez fonológica do estudante de espanhol como língua estrangeira (E/LE) e, especificamente, à complexidade própria de alguns sons da LE inexistentes na LM, como o som aproximante [β] da língua espanhola, como veremos neste artigo. Como assinala Gil Fernández (2007: 500), "*determinados sonidos consonánticos permiten en castellano un amplio margen de variación en su realización*", e se modificam não só segundo o contexto fonético no qual se encontram, mas também em função do falante que os produz. Isso significa que,

além de apresentarem as variações próprias da língua espanhola, tais sons também podem variar quando produzidos por um estudante de E/LE, pois, como acrescenta Gil Fernández (2007: 500), “*el cambio alofónico de las diferentes unidades también está sujeto a la interferencia de la lengua nativa*”.

Dessa forma, é importante compreender as características articulatórias e acústicas dos sons aproximantes do espanhol, especificamente do som aproximante [β] por ser o tema deste artigo, já que, ou por sua inexistência na língua portuguesa ou por suas próprias diferenças articulatórias e acústicas, essas características motivam muitos erros de produção e dificuldades de percepção entre os estudantes brasileiros de E/LE.

## 2. Os sons aproximantes [β, ð, γ] em língua espanhola

Embora a proposta deste artigo seja apresentar a análise somente do fonema /b/ e seu alofone aproximante [β], parece-nos importante tecer algumas considerações sobre os sons aproximantes [β, ð, γ] em língua espanhola.

Tradicionalmente, as obras que descrevem os sons consonânticos do espanhol não consideram o modo “aproximante” como uma das modalidades de articulação dos sons que constituem o inventário da língua, mas, sim, o assimilam ao modo “fricativo” (NAVARRO TOMÁS, 1982; QUILIS, 1999). Entretanto, se analisadas as características articulatórias e acústicas dos sons aproximantes, parece evidente não poderem ser classificados como fricativos (MARTÍNEZ CELDRÁN, 1984; MACHUCA AYUSO, 1997; GIL FERNÁNDEZ, 2007): desde o ponto de vista articulatório, nos sons aproximantes não é produzida a fricção própria dos fricativos, enquanto que acusticamente tratam-se de sons cujas propriedades estão próximas às das vogais.

Navarro Tomás (1982), em suas considerações sobre a pronúncia das consoantes em espanhol, diferencia as oclusivas sonoras [b, d, g] das fricativas [β, ð, γ]. Sobre este último grupo, diz que são

*[...] tres articulaciones particularmente características de la lengua española [...] generalmente desconocidas en francés, en inglés y en muchos otros idiomas; en español, por el contrario, son tan frecuentes que apenas hay frase en que no aparezcan varias veces, siendo muchos los casos en que algunos de estos sonidos se repiten o se combinan aun dentro de una misma palabra: obligado,*

agradable, avinagrado, comedido, etc. (NAVARRO TOMÁS, 1982: 80).

E acrescenta que *"en cuanto a los extranjeros que pretendan hablar español, puede asegurarse que sin el dominio de estos sonidos su lenguaje se hallará siempre muy lejos de la pronunciación española correcta"* (NAVARRO TOMÁS, 1982: 81). Quanto à descrição articulatória dos referidos sons, o autor diz que são articulações em que se têm os *"órganos en contacto incompleto; el canal vocal se reduce en alguno de sus puntos a una estrechez por donde el aire sale constreñido, produciendo con su rozamiento un ruido más o menos fuerte"* (NAVARRO TOMÁS, 1982: 19) e diferencia para o som [β]:

*[...] menor tensión muscular, por la posición de los labios, los cuales, en vez de cerrarse por completo, permanecen entreabiertos, dejando entre uno y otro una hendidura más o menos estrecha, según la naturaleza de los sonidos vecinos y según la fuerza de la pronunciación* (NAVARRO TOMÁS, 1982: 85).

Para o som [ð]:

*[...] la punta de la lengua toca suavemente los bordes de los incisivos superiores, sin cerrar por completo la salida del aire; el movimiento de la lengua para tocar los dientes es ágil y rápido; el contacto, breve y suave* (NAVARRO TOMÁS, 1982: p. 99).

E para o som [ɣ]:

*[...] labios y mandíbula, según las vocales contiguas; el postdorso de la lengua se eleva contra el velo del paladar pero sin llegar a formar con éste un contacto completo; el aire espirado sale por la estrechez que de la aproximación de dichos órganos resulta, produciendo una suave fricción* (NAVARRO TOMÁS, 1982: 139).

Acrescenta, ainda, que *"la fricativa [ɣ] se halla, con respecto a la [g] oclusiva, en la misma relación de las fricativas [β, ð] con respecto a la [b, d]"* (NAVARRO TOMÁS, 1982: 139).

Seguindo a tradição de Navarro Tomás (1982), outros autores, como Quilis (1999), também classificam os sons [β, ð, ɣ] como fricativos. No entanto, Quilis (1999) divide a classe de consoantes fricativas em dois

grupos: as que possuem domínio de ressonância nas zonas de baixas frequências, e as que as possuem em altas frequências. Dentro de semelhante classificação, os sons [β, ð, ɣ] são de ressonâncias baixas. Afirma o autor:

*[...] lo primero que distingue claramente los alófonos fricativos de los oclusivos [b, d, g] es la presencia, en el espectro de los primeros, de zonas de frecuencia más o menos amplias y más o menos intensas, que se aproximan en su configuración a los formantes vocálicos (QUILIS, 1999: 259).*

Entretanto, observa-se que não é adequada a descrição dos sons citados como fricativos, quando se analisa o momento da produção da corrente de ar. Ela sai entre os órgãos que intervêm na produção desses sons, já que não acontece a fricção, própria dos fricativos.

Nos últimos anos, contudo, muitos estudos fonéticos publicados mencionam a classificação *aproximantes* para tais sons, principalmente no trabalho de Martínez Celdrán (1984: 170), no qual o autor diz que as "articulaciones aproximantes"

*[...] son frecuentes en castellano y es conveniente distinguirlas de las fricativas. Las aproximantes tienen un grado menor de estrechamiento del canal supraglótico, de tal manera que deja de percibirse claramente el ruido de frotamiento que caracteriza las fricativas. Además, la tensión articulatoria y la cantidad total del sonido es bastante menos. Se escucha como una leve modificación de las vocales contiguas.*

Posteriormente, Martínez Celdrán declara que entre os sons aproximantes não estão aqueles em que há contato de órgãos, pois estes apenas se aproximam.

De acordo com Nuñez Cedeño & Morales-Front (1999: 31), as aproximantes "son las consonantes con el grado de constricción más cercano al de una vocal. Lo que las caracteriza es que no dificultan el paso del aire lo bastante como para que se cree una turbulencia o fricción perceptible". Essa proximidade com as vogais faz com que os sons aproximantes sejam sonoros. No caso, as cordas vocais criam uma onda básica, cuja ressonância é manipulada na cavidade oral (NUÑEZ CEDEÑO E MORALES-FRONT, 1999: 31). Quanto aos sons fricativos, ocorrem "si el grado de constricción se lleva al punto en que empieza a formarse una turbulencia en el aire detrás del punto en que el

*articulador activo y pasivo se acercan uno al otro*" (NUÑEZ CEDEÑO E MORALES-FRONT, 1999: 32). Podem ser surdas ou sonoras.

### 3. O fonema oclusivo sonoro /b/ e suas realizações fonéticas em língua espanhola

O fonema oclusivo bilabial sonoro /b/<sup>5</sup> do espanhol, em posição de ataque silábico depois de pausa ou depois de um som nasal, foneticamente mantém suas características acústicas próprias de sons oclusivos sonoros. Nos casos citados, não apresentam dificuldades para que o estudante brasileiro de E/LE os perceba e os produza, visto que se encaixam perfeitamente nas categorias prototípicas de sons de sua LM e, portanto, sem intervenção do crivo fonológico<sup>6</sup>.

Entretanto, se o mesmo som se insere em outros contextos fonéticos, diferentes dos apresentados anteriormente, se realiza como seu alofone aproximante [β]<sup>7</sup> e o estudante brasileiro de E/LE não o percebe com suas características articulatórias e acústicas próprias, razão pela qual o produz como oclusivo.

Segundo o contexto fonético no qual aparece, o fonema /b/ se realiza em espanhol como os seguintes alofones<sup>8</sup>:

a) Consoante oclusiva bilabial sonora [b], quando em ataque silábico após pausa ou após o som nasal bilabial sonoro [m]

---

<sup>5</sup> É importante saber que as mesmas características ocorrem com os fonemas oclusivos dental /d/ e velar /g/. No entanto, por questões de espaço, não nos ateremos à análise desses sons.

<sup>6</sup> Nesses casos, há transferência da LM também na realização do VOT (*Voice Onset Time*), já que o estudante os produz com a duração própria de sua LM.

<sup>7</sup> No AFI, os símbolos [β] representa consoante fricativa; para indicar que, no caso do espanhol, se realiza como som com um modo de articulação aproximante, acrescenta-se o diacrítico correspondente a esse tipo de realização: [β̞] (IPA, 1999).

<sup>8</sup> Descrição baseada nos trabalhos de Navarro Tomás (1982); Alarcos Llorach (1991); Quilis (1999); Machuca Ayuso (1997); Martínez Celdrán (1984); Martínez Celdrán & Fernández Planas (2007); e Gil Fernández (2007).

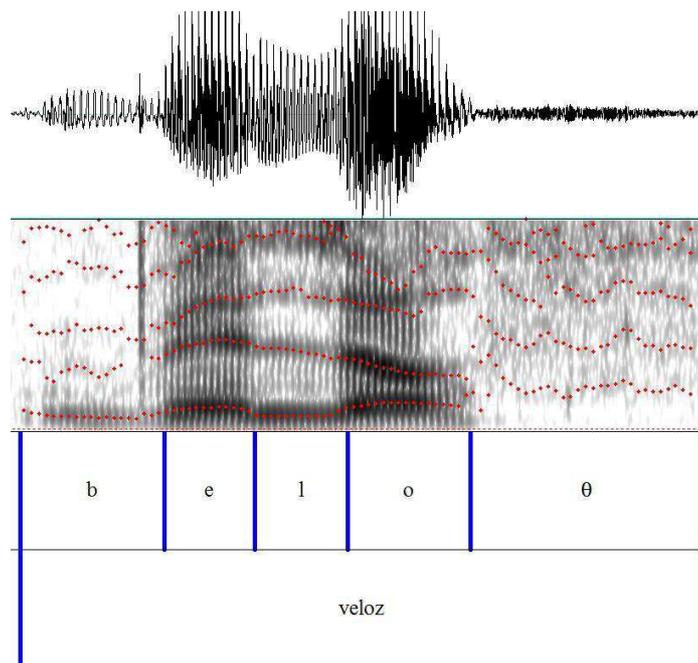


Figura 1. Forma de onda e espectrograma da realização fonética da oclusiva bilabial sonora [b] em ataque silábico em início de palavra após pausa.

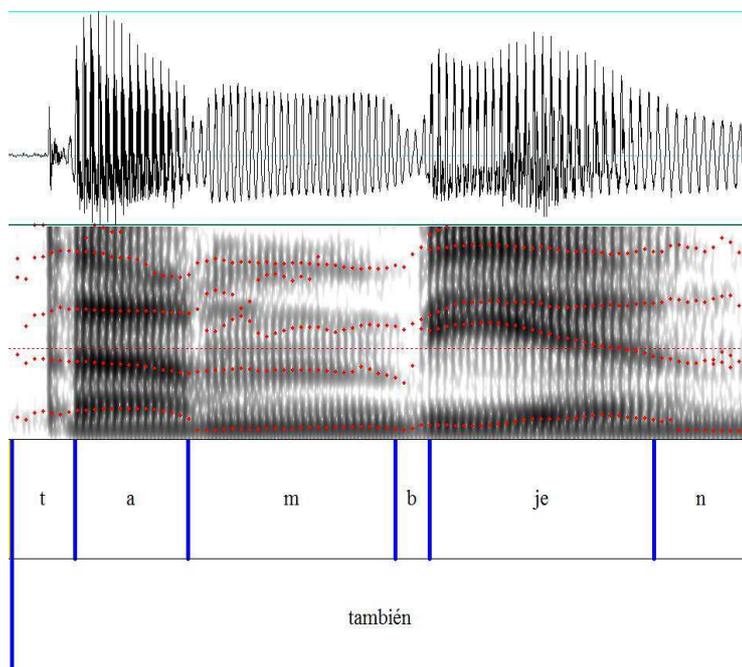


Figura 2. Forma de onda e espectrograma da realização fonética da oclusiva bilabial sonora [b] em ataque silábico em meio de palavra e após consoante nasal bilabial sonora [m].

b) Consoante aproximante bilabial sonora [β], quando em posição intervocálica, ou em ataque silábico após outra consoante que não seja nasal bilabial sonora [m], ou em posição de coda silábica, caso não analisado nesta pesquisa

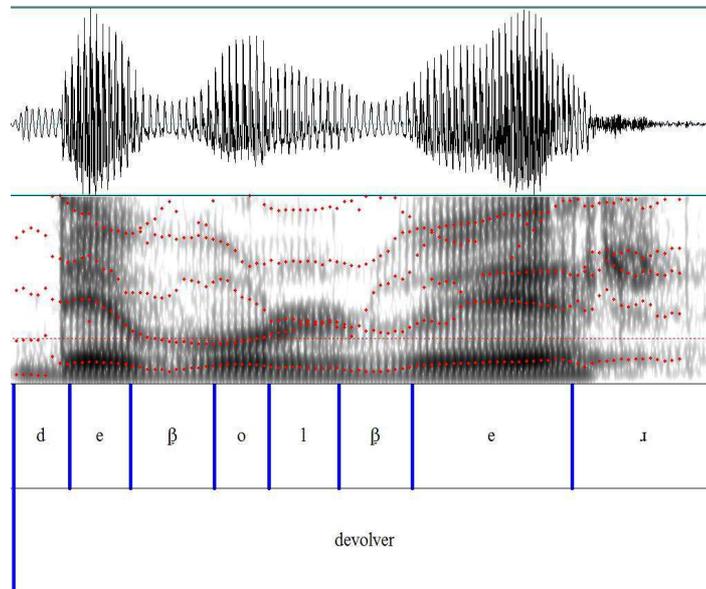


Figura 3. Forma de onda e espectrograma da realização fonética da aproximante bilabial sonora [β] em ataque silábico em meio de palavra, após outras consoantes que não sejam nasais.

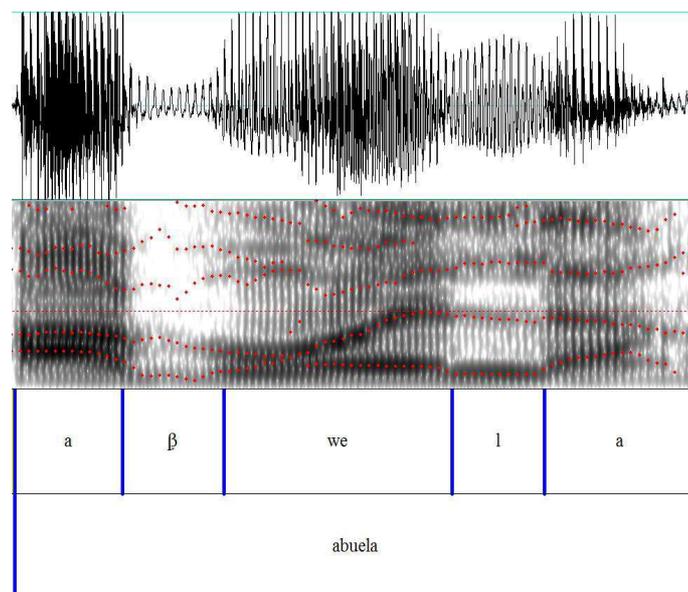


Figura 4. Forma de onda e espectrograma da realização fonética da aproximante bilabial sonora [β] em posição intervocálica.

A variação alofônica de /b/ apresentada anteriormente não ocorre na língua portuguesa, o que leva à sua percepção inadequada, ocasionando produção bem diferente, que pode resultar em outros erros de pronúncia do estudante, como se poderá observar em análise posterior. Exemplificando, ao se produzir [kaβeθa] como [kabesa], como costuma fazer o estudante brasileiro, a duração do som [β] é alterada, o que provoca variação das propriedades temporais da sílaba e, inclusive, incorre na modificação da prosódia do enunciado, provocando estranhamento ou identificação de “acento estrangeiro” por parte do ouvinte, que muitas vezes identifica a produção do estudante brasileiro como “portunhol”.

Cabe acrescentar que, como explica Gil Fernández (2007: 495), a produção das oclusivas sonoras em espanhol também pode estar condicionada às suas posições na sílaba e na palavra. Assim, em posição de ataque depois de pausa não ocorre contexto precedente que influencie na articulação das consoantes oclusivas sonoras [b, d, g], ao contrário do que acontece quando em outros contextos. Nestes últimos casos, as características acústicas de tais consoantes podem ser afetadas não apenas por condicionamentos externos (a posição da consoante na sílaba e na palavra, ou a influência das vogais que as acompanham), mas também pela duração do som e pelo registro do falante (coloquial, conversacional, formal)<sup>9</sup>.

#### 4. Considerações sobre os fonemas /b/ e /v/ em língua portuguesa

Em língua portuguesa, muitos sons se realizam de forma diferente daqueles que os estudantes veem como “correspondentes” em língua espanhola, pautados pelo crivo fonológico da sua LM. Como exemplo, citam-se os sons /b/ e /v/.

Os fonemas /b/ e /v/, além de realizados de formas distintas – respectivamente, como oclusiva bilabial sonora e fricativa labiodental sonora – correspondem a grafemas diferentes, <b> e <v>, de maneira uniforme em todas as variedades do português do Brasil.

Conforme verificado nas produções de um falante nativo de língua portuguesa (figuras 5 a 7), o fonema /b/, independente do contexto fonético na palavra, apresenta as mesmas características acústicas. Em *barata*, o referido fonema aparece em início de sílaba; em *lábaro*, encontra-se entre vogais; e em *barba*, aparece após consoante<sup>10</sup>. Já o

<sup>9</sup> Estudos como o de Machuca Ayuso (1997) discutem minuciosamente essa questão.

<sup>10</sup> Os exemplos de produção nativa em língua portuguesa são de Silva (2002).

fonema /v/, nas variedades do português do Brasil, é realizado da mesma maneira em qualquer contexto fonético na palavra.

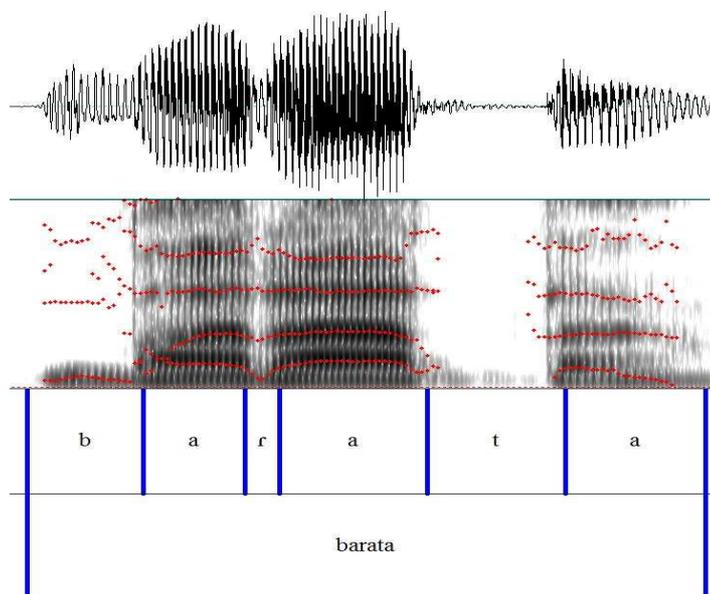


Figura 5. Forma de onda e espectrograma da realização da oclusiva bilabial sonora /b/ em posição de ataque silábico em início de palavra e precedida de pausa.

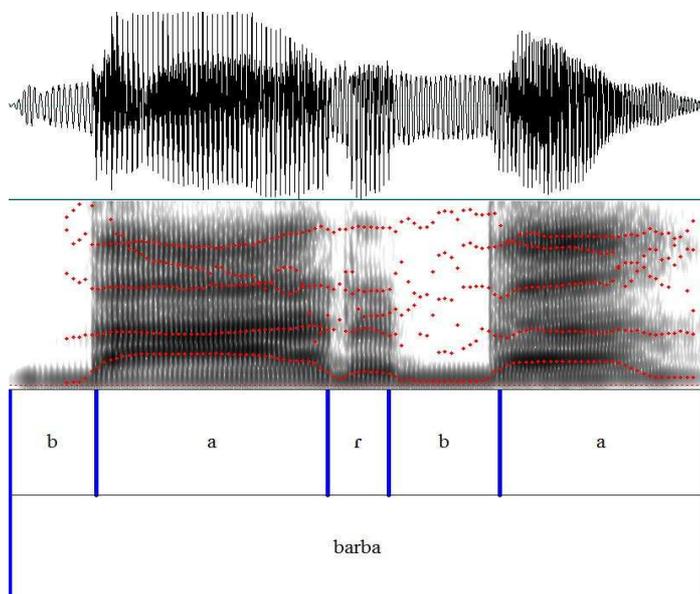


Figura 6. Forma de onda e espectrograma da realização da oclusiva bilabial sonora /b/ em posição de ataque em meio de palavra, após outra consoante.

Sandes, Egisvanda Isys de Almeida. Produção interlinguística de estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira do som aproximante /β/. *Revista Intercâmbio*, v. XXII: 1-24, 2010. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

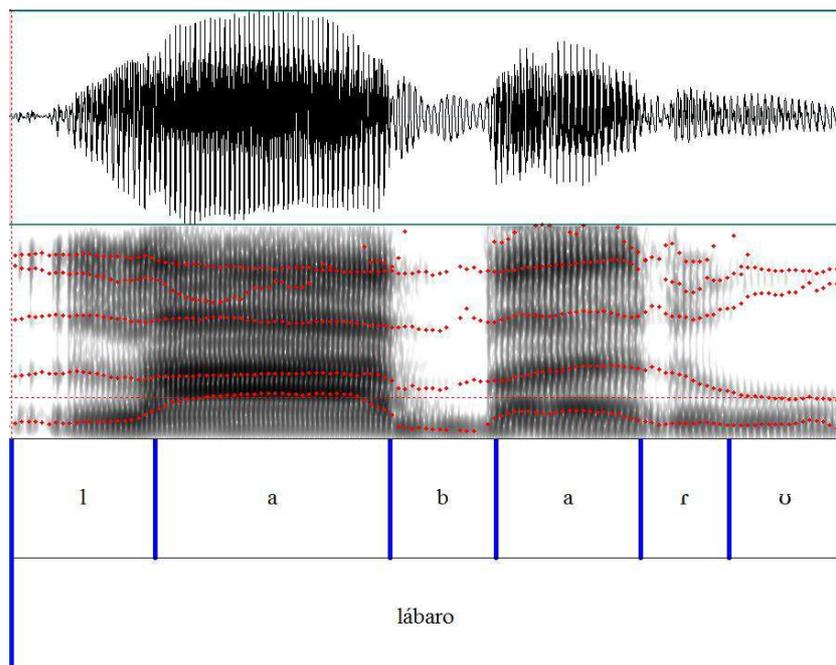


Figura 7. Forma de onda e espectrograma da realização da oclusiva bilabial sonora /b/ em meio de palavra, em posição intervocálica.

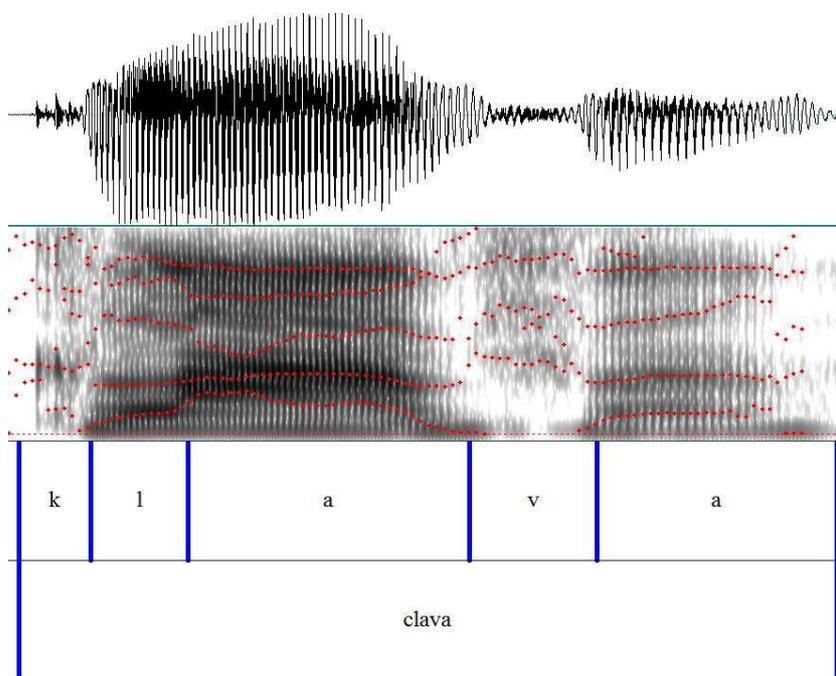


Figura 8. Forma de onda e espectrograma da realização da fricativa labiodental sonora /v/ em posição de ataque silábico em meio de palavra.

Nas figuras 5 a 7, em que se mostra a realização do fonema /b/ em língua portuguesa, independentemente do contexto em que aparece, nota-se o intervalo correspondente à obstrução dos órgãos articulatórios, preenchido somente pela barra de sonoridade. Fato contrário ao que ocorre em língua espanhola, em que o fonema /b/ se realiza de formas diferentes, segundo o contexto.

Já na Figura 8, em que se mostra a realização do fonema /v/, nota-se a barra de sonoridade, por se tratar de um som sonoro, e o ruído que aparece como mancha escura acima da barra. Além disso, há uma alteração por conta da interrupção dos formantes dos sons anteriores.

## 5. O som aproximante [β̞] em língua espanhola e a produção interlinguística dos estudantes brasileiros de E/LE

O som [b] em início de palavra após pausa ajusta-se à classificação de som "idêntico", segundo Flege (1981; 1991; 1995), pois não apresenta diferenças articulatórias e acústicas entre a LM dos estudantes e a LE que estão aprendendo/adquirindo. Além disso, tanto em língua portuguesa quanto em língua espanhola, nessas posições, tal som não apresenta diferentes alofones. No caso desses sons, a teoria do Imã da LM de Kuhl & Iverson (1995) não se aplica, porque as informações fonológicas recebidas pelos estudantes de E/LE correspondem aos sons "protótipos" estabelecidos já na LM. No entanto, existem outros fatores cognitivos que intervêm na produção dos estudantes, como se passa a discutir.

Uma das dificuldades para o estudante brasileiro em relação à produção do som [b] tem a ver com uma das estratégias mais comuns entre os estudantes brasileiros durante a aquisição e a aprendizagem de uma LE: basear sua produção oral na forma escrita. Tal fato se dá porque, como descrito anteriormente, em língua portuguesa há dois fonemas, /b/ e /v/, sendo o primeiro oclusivo bilabial sonoro e o segundo fricativo labiodental sonoro. Na forma escrita, correspondem a grafemas também distintos, respectivamente <b> e <v>, ao contrário do espanhol, em que ambos os grafemas foneticamente se realizam como [b] ou [β̞], segundo o contexto fonético em que se encontrem.

Assim sendo, como se observa na Figura 9 – correspondente à produção da palavra *vuelven* – muitos estudantes não reconhecem as diferenças entre os sons consonânticos do espanhol e do português. Ocorrência que resulta na produção inadequada desses sons em LE, devido à surdez fonológica. Ao produzirem tais sons na LE, baseiam-se na forma escrita da LM, o que resulta não somente na interferência direta da LM na LE, como, também, na não percepção das

características dos mesmos sons em E/LE, quando realizados como aproximantes.

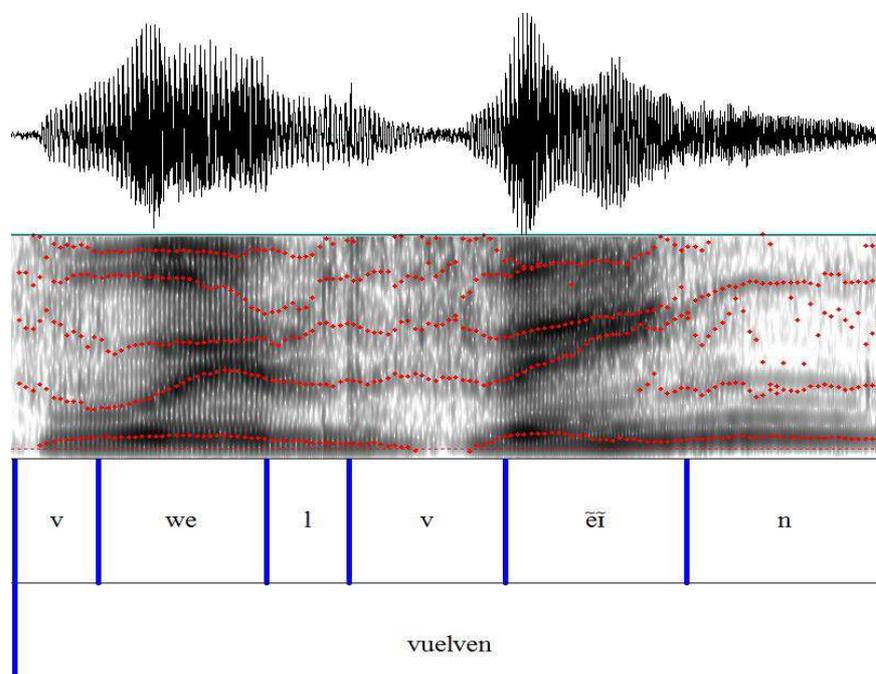


Figura 9. Forma de onda e espectrograma da produção de *vuelven* pelo estudante Pfb.

Constata-se na figura anterior que a palavra foi produzida segundo o crivo fonológico da língua portuguesa e não da língua espanhola, ou seja, como [vwelvẽĩn]. Ainda se cotejadas as produções de Imb e Pfb (respectivamente *beben* e *vuelven*) nas figuras 9 e 10 e em outros dados apresentados por Sandes (2010), verifica-se que as realizações da maioria dos sons bilabiais de [beben] correspondem a sons oclusivos. Caso oposto ao de muitos sons bilabiais de [vuelven] que aparecem quase sempre como o som fricativo labiodental sonoro [v]. No último caso, verifica-se a interferência da LM, principalmente no que tange à transferência de regras que envolvem a relação grafia-som.

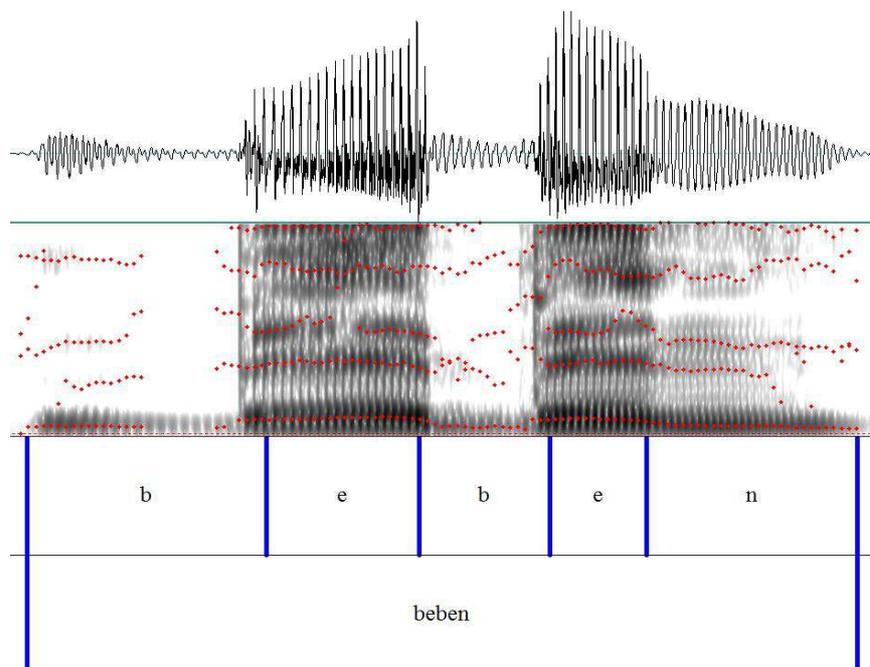


Figura 10. Forma de onda e espectrograma da produção de *beben* pelo estudante Imb.

Em se tratando das estratégias cognitivas dos estudantes durante a percepção e a produção dos sons em LE, dentre as mais comuns, segundo Sandes (2009), são: a) a *transferência ou interferência da LM na LE*, que resulta na produção interlinguística; b) a *generalização de regras*, quando o estudante identifica os sons da LE de acordo com as categorias da LM; e c) a *interferência da língua escrita na percepção e na produção dos sons da LE*. Tais estratégias são colocadas em prática com respeito à produção da palavra *vuelven*, quando a relação grafema-fonema interfere ainda mais. Isso porque o apelo visual do grafema condiciona a produção do som, de acordo com a consciência fonológica que o estudante tem de sua língua.

Além dos aspectos observados quando se analisa a produção dos sons aproximantes em LE pelos estudantes brasileiros, o que nos chama a atenção é a produção interlinguística, sobre a qual teceremos os comentários a seguir.

Tal aspecto ressalta que mesmo sem ter consciência das características articulatórias e acústicas dos sons da LE que está aprendendo ou adquirindo, o estudante põe em prática estratégias cognitivas próprias de sua interlíngua. Estratégias que podem ser decorrentes inclusive da percepção (mesmo não consciente), tanto de aspectos articulatórios como de sonoros durante a produção dos

diversos falantes da LE que o estudante tenha ouvido durante os processos de aquisição e de aprendizagem da língua. Assim sendo, constatou-se nos dados analisados a produção intermediária de alguns estudantes, o que não se permite identificar o som como aproximante e tampouco como oclusivo. No entanto, é possível identificá-los com características que estão entre ambos. Vejamos as figuras a seguir, correspondentes à produção da palavra *beben* por um falante nativo de língua espanhola e pelo estudante brasileiro.

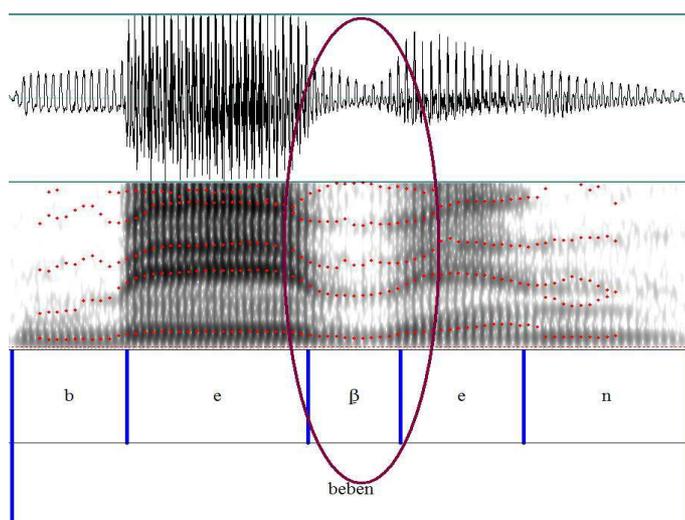


Figura 11. Forma de onda e espectrograma da produção da aproximante [β] em *beben* pelo nativo de língua espanhola Afn.

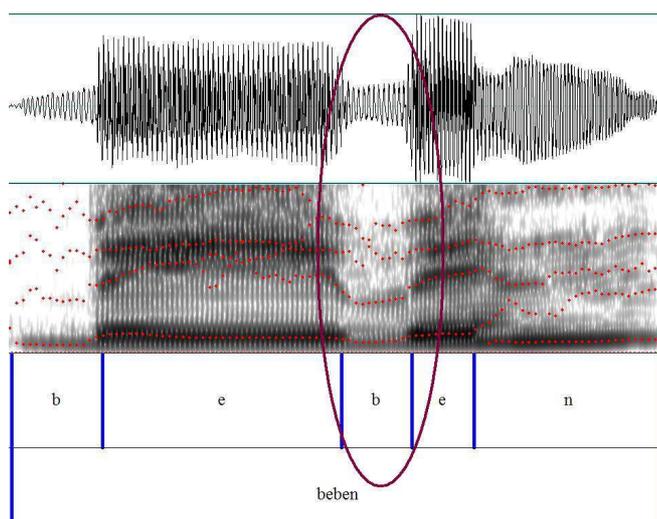


Figura 12. Forma de onda e espectrograma da produção do som intermediário entre a aproximante [β] e a oclusiva [b] em *beben* pelo estudante Dfb.

Ao se cotejar a Figura 11 – correspondente à produção nativa de língua espanhola – e a Figura 12 – correspondente à produção interlinguística do estudante brasileiro de E/LE, verifica-se que na primeira a forma da onda no espectrograma caracteriza a produção do som aproximante bilabial sonoro [β]. Como há apenas aproximação dos órgãos articulatórios envolvidos na sua produção, sem que se toquem (o que consequentemente ocasionaria interrupção e explosão próprias dos sons oclusivos) ou se aproximem (a ponto de ocorrer obstrução parcial como na produção de sons fricativos), nota-se uma estrutura formântica característica de sons ressoantes. Dessa forma, ocorrem somente alterações na altura dos formantes em relação aos das vogais circunvizinhas e a diminuição da energia acústica desses formantes.

Na Figura 12, pode-se constatar que embora os estudantes percebam os sons da LE a partir do crivo fonológico da sua LM, porque os interpreta como semelhantes, há estratégias cognitivas próprias das diversas fases da interlíngua desses estudantes, que os fazem, mesmo inconscientemente, perceber algumas características dos sons da LE e, consequentemente, realizar uma produção aproximada do que seria esse som na LE. Outro exemplo desse tipo de realização interlinguística é apresentado nas figuras seguintes, correspondente à produção de *navegación*.

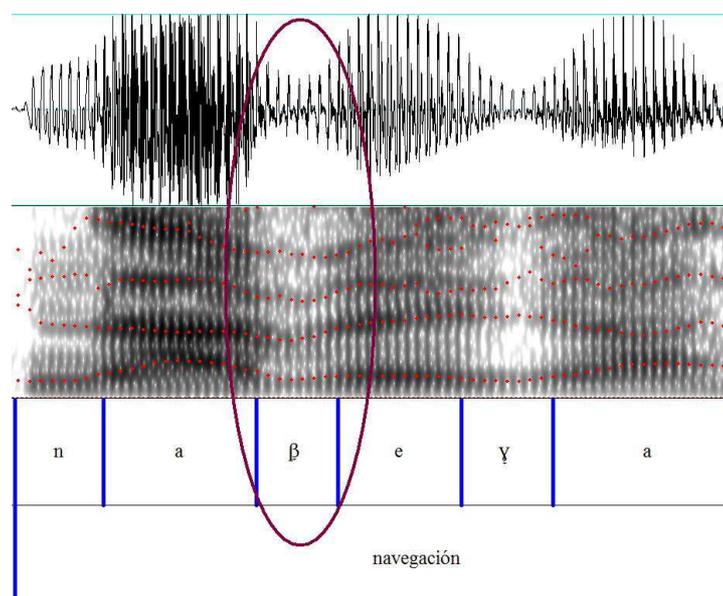


Figura 13. Forma de onda e espectrograma da produção da aproximante [β] em *navegación* pelo nativo de língua espanhola Afn.

Sandes, Egisvanda Isys de Almeida. Produção interlinguística de estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira do som aproximante /β/. *Revista Intercâmbio*, v. XXII: 1-24, 2010. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

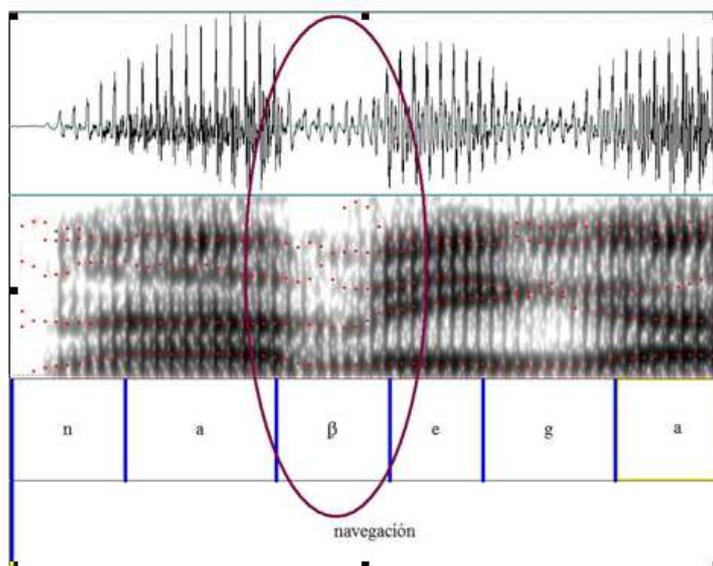


Figura 14. Forma de onda e espectrograma da produção do som intermediário entre a aproximante [β] e a oclusiva [b] em *navegación* pelo estudante Rmb.

### Considerações finais

No campo das interferências fonéticas, verifica-se que o fonema oclusivo sonoro /b/ – por apresentar maior grau de semelhança entre a língua portuguesa e a língua espanhola (sons “idênticos”, segundo as categorias de Flege) – não proporciona dificuldades de percepção e de produção para o estudante brasileiro de E/LE. No entanto, o seu alofone aproximante [β] não tem equivalência em língua portuguesa e, em geral, os estudantes, pautados pelo crivo fonológico e pela surdez fonológica, o percebem e, conseqüentemente, o produzem como som que possui características acústicas semelhantes ao existente em sua língua materna. Sons “semelhantes”, segundo as categorias de Flege, são assimilados por uma categoria já existente da LM do estudante, ou seja, como o oclusivo sonoro [b]. Tal fato faz com que o ouvinte não necessariamente deixe de compreender o que é dito, mas reconheça um “portunhol”, mesmo que as palavras e as estruturas estejam corretas em língua espanhola.

Já de acordo com a perspectiva do modelo do imã da LM (KUHLE & IVERSON, 1995), segundo a qual é possível explicar os sistemas fonológicos considerando-se a noção de protótipos, que representam os fonemas de cada língua e funcionam como um “ímã” que assimila ou atrai para si os sons que são mais similares foneticamente e tal atração tem como resultado a formação de representações fônicas ou categorias de sons. No caso dos sons aqui apresentados, o fonema /b/ na língua

espanhola, tanto como seu alofone oclusivo [b], quanto como o aproximante [β], são percebidos por um estudante brasileiro como /b/, que é a única categoria desse som em sua LM. Por conseguinte, o som /b/ é uma "realização prototípica" que tem capacidade de atração (pois funciona como um ímã) das realizações aproximantes, dada a proximidade entre elas. O resultado é a perda da sensibilidade às diferenças entre ambos os sons, porque o espaço perceptivo de /b/ as "diminui" devido a possuírem características fônicas semelhantes.

Ainda sobre os sons aproximantes da língua espanhola, no caso específico de [β], o estudante brasileiro de E/LE também costuma basear sua produção oral na forma escrita. Isso porque em língua portuguesa os dois fonemas, /b/ e /v/, respectivamente oclusivo bilabial sonoro e fricativo labiodental sonoro, correspondem na forma escrita a grafemas também distintos - <b> e <v>. Ao contrário do espanhol, ambos os grafemas foneticamente se realizam como [b] ou [β], segundo o contexto fonético em que se encontrem. Outro aspecto relevante, na produção desses sons como oclusivos pelos estudantes, diz respeito às diferenças na duração desses segmentos. No caso das oclusivas, apresenta-se o período correspondente à obstrução total dos articuladores, à liberação dessa obstrução e à transição para a vogal que a segue. Já no caso das aproximantes, essas fases de obstrução e liberação estão ausentes, possuindo, assim, menor duração. A mudança na duração durante a produção dos sons provoca alterações no aspecto suprasegmental da LE, resultando no "acento estrangeiro" muito marcado.

De acordo com todas as argumentações deste artigo, as dificuldades dos estudantes não são resultantes somente do grau de semelhança entre os sons de sua LM e da LE, mas também de estratégias cognitivas próprias do período de interlíngua em que se encontram. Essas estratégias condicionam não só aos "erros", mas, também, à produção interlinguística, como demonstrado neste artigo. Tal fato indica que, embora não tenham fluência oral na LE, estão testando hipóteses, ocasionando uma produção que apresenta permeabilidade no uso das estratégias, na tentativa de realizar uma produção mais próxima da do falante nativo da LE, aspecto próprio da interlíngua.

## Referências

- ALARCOS LLORACH, E. *Fonología española*. 4. ed. Madrid: Gredos, 1991.
- CORDER, S. P. Idiosyncratic dialects and error analysis. In: RICHARDS, J. C. (Ed.). *Error analysis*. Londres: Longman, 1974, p. 158-171.

Sandes, Egisvanda Isys de Almeida. Produção interlinguística de estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira do som aproximante /β/. *Revista Intercâmbio*, v. XXII: 1-24, 2010. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

ESCANDELL VIDAL, M. V. *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Anthropos, 1993.

FLEGE, J. E. The phonological basis of foreign accent: a hypothesis. *TESOL Quarterly*, n. 15, v. 4: 443-455, 1981.

\_\_\_\_\_. Perception and production: the relevance of phonetic input to L2 phonological learning. In: HUEBNER, T.; FERGUSON, C. A. (Ed.). *Crosscurrents in second language acquisition and linguistic Theories*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 249-290.

\_\_\_\_\_. Second-language speech learning: theory, findings and problems. In: STRANGE, W. (Ed.). *Speech perception and linguistic experience: theoretical and methodological issues in cross-language speech research*. Timonium: York Press, 1995, p. 233-277.

GIL FERNÁNDEZ, J. *Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica*. Madrid: Arco/Libros, 2007.

GONZÁLEZ, N. T. M. *Cadê o pronome? – O gato comeu*. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION – IPA. *Handbook of the International Phonetic Association*. A Guide to the use of the International Phonetic Alphabet. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KUHL, P. K.; IVERSON, P. Linguistic experience and the 'Perceptual magnet effect'. In: STRANGE, W. (Ed.). *Speech perception and linguistic experience: theoretical and methodological issues in cross-language speech research*. Timonium: York Press, 1995, p. 121-154.

LICERAS, J. M. *La adquisición de las lenguas segundas y la gramática universal*. Madrid: Síntesis, 1996.

MACHUCA AYUSO, M. J. *Las obstruyentes no continuas del español: relación entre las categorías fonéticas y fonológicas en habla espontánea*. Tese (Doutorado em Filologia Espanhola), Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 1997. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/TDX-0507108-134610>>. Acesso em: 21 jun. 2008.

MARTÍNEZ CELDRÁN, E. *Fonética*. Barcelona: Teide, 1984.

MARTÍNEZ CELDRÁN, E.; FERNÁNDEZ PLANAS, A. M. *Manual de fonética española: articulaciones y sonidos del español*. Barcelona: Ariel, 2007.

MOITA LOPES, L. P. Adaptando a validade teórica do conceito de interlíngua. In: \_\_\_\_\_. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social*

Sandes, Egisvanda Isys de Almeida. Produção interlinguística de estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira do som aproximante /β/. *Revista Intercâmbio*, v. XXII: 1-24, 2010. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996, p. 113-124.

NAVARRO TOMÁS, T. *Manual de pronunciación española*. 21. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1982.

NEMSER, W. Approximative systems of foreign language learners. In: RICHARDS, J. C. (Ed.). *Error analysis*. Londres: Longman, 1974, p. 55-63.

NUÑEZ CEDEÑO, R. A.; MORALES-FRONT, A. *Fonología generativa de la lengua española*. Washington: Georgetown University Press, 1999.

POLIVANOV, E. D. A percepção dos sons de uma língua estrangeira. In: TOLEDO, D. (Org.). *Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978, p.113-128.

QUILIS, A. *Tratado de fonología y fonética españolas*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1999.

\_\_\_\_\_. *La adquisición y el aprendizaje del aspecto fónico en estudiantes brasileños de español como lengua extranjera: modelos de interferencia, tipología y análisis de errores*. Monografía (Máster) – CSIC/UNED, Madrid, 2009.

\_\_\_\_\_. *Análise das dificuldades dos estudantes brasileiros de E/LE na percepção e na produção dos sons aproximantes e nasais em língua espanhola*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHUMANN, J. Affective factors and the problem of age in second language acquisition. *Language Learning*, v. 19: 245-254, 1975.

SELINKER, L. La interlengua. In: LICERAS, J. M. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor, 1992, p. 79-101.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2002.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1986.

TRUBETZKOY, N. S. Falsa apreciación de los fonemas de una lengua extranjera. In: \_\_\_\_\_. *Principios de fonología*. Trad. D. García Giordano y L. J. Prieto. Madrid: Cincel, 1973.

ZUENGLER, J. Identity markers and L2 pronunciation. *Studies on Second Language Acquisition*, n. 10: 33-49, 1988.